

Engajamento da RPC nas Bahamas



Foto de arquivo. Freeport Harbor com o terminal de contêineres ao fundo, em Freeport, Bahamas, 13 de maio de 2015. A Hutchinson Port Holdings, uma subsidiária da Hutchinson Whampoa, afiliada da República Popular da China, é proprietária e opera o porto de contêineres de Freeport, nas Bahamas. (Foto: ArnoldReinhold/Creative Commons)

POR R. EVAN ELLIS

AGOSTO 02, 2023

Introdução

Relativamente pouco foi escrito na mídia dos EUA ou da América Latina e do Caribe sobre o envolvimento da RPC nas Bahamas. Essas atividades, tanto comerciais quanto culturais, em outros domínios, têm sido substanciais e crescentes por mais de duas décadas. Além disso, elas fazem parte dos esforços mais amplos de diplomacia para garantir sua presença no Caribe, que é estrategicamente importante como a abordagem marítima do sudeste dos Estados Unidos.



[CONVERSA COM](#) [VÍDEOS](#) [GALERIA DE FOTOS](#) [CARTOONS](#) [REPORTAGEM ESPECIAL](#) [ACADEMIA](#)

As Bahamas estabeleceram relações com a RPC em maio de 1997. Desde o início, a RPC demonstrou seu reconhecimento da importância estratégica das Bahamas. A empresa Hutchinson Whampoa, tecnicamente privada, sediada em Hong Kong, concorreu e ganhou uma concessão para o terminal de contêineres de Freeport em novembro de 2001, apenas quatro anos depois que as Bahamas reconheceram a RPC. Embora a etnia chinesa seja uma pequena fração da população das Bahamas, a RPC construiu uma grande embaixada no país.

Como em outros países, a RPC forneceu ajuda às Bahamas, tanto depois que o furacão Dorian devastou o país em setembro de 2019, quanto durante a COVID-19, com um total de 13 lotes de produtos médicos entregues no período de quatro anos entre 2019 e 2022.

O atual embaixador da China nas Bahamas, Dai Qingli, que chegou em março de 2021, fala inglês fluentemente e tem sido ativo na promoção dos interesses da RPC no país, inclusive dando continuidade aos presentes periódicos de boa vontade da RPC ao país, incluindo uma doação de equipamentos médicos em agosto de 2022, bem como a construção de estufas para pesquisa agrícola em parceria com a província de Hunan em maio de 2023.

O governo da RPC também tem dado atenção significativa ao país em relação ao seu pequeno tamanho. Em fevereiro de 2023, por exemplo, o diretor geral do Ministério das Relações Exteriores da RPC para a América Latina, Cai Wei, viajou para as Bahamas para participar da conferência de chefes de governo da CARICOM em Nassau. Em julho de 2023, o vice-presidente do Congresso Nacional do Povo, Xiao Jie, viajou para o país e se reuniu com a liderança do Parlamento das Bahamas.

Comércio

Assim como em outras partes da região, o comércio entre a RPC e o Caribe é altamente desequilibrado. No período de 2018 a 2020, as Bahamas exportaram apenas US\$ 500.000 em produtos para a RPC, enquanto importaram US\$ 112 milhões em mercadorias, mais de 200 vezes suas importações. Como em outras partes do Caribe, o comércio com a RPC também foi gravemente afetado pela pandemia da COVID-19, embora tenha começado a se recuperar posteriormente. O comércio entre a RPC e as Bahamas em 2021 foi de US\$ 492 milhões, um aumento de 42% em relação ao período anterior.

Projetos comerciais

A presença comercial da RPC nas Bahamas tem se concentrado em logística, construção, turismo e telecomunicações. Para o tamanho das Bahamas, a pegada das empresas sediadas na RPC e a influência associada nos círculos de negócios e na política das Bahamas têm sido significativas, embora praticamente todas as principais iniciativas da RPC tenham sido cercadas por problemas que levantam questões sobre o benefício líquido desses projetos para o governo e o povo das Bahamas, incluindo o uso de trabalhadores ilegais. Reciprocamente, as Bahamas são um dos poucos governos do Caribe que reconhecem a RPC e que não assinaram a Iniciativa Cinturão e Rota.

Logística

Conforme observado anteriormente, a Hutchinson Port Holdings tem operado concessões nas Bahamas desde novembro de 2001. Atualmente, a Hutchinson continua sendo a operadora do principal porto de cargas do país, em Freeport, bem como do terminal de navios de cruzeiro.

Anteriormente, a Hutchinson detinha a concessão do principal aeroporto internacional da ilha de Gran Bahama, mas a propriedade foi seriamente danificada em 2019 pelo furacão Dorian e o governo recuperou a propriedade depois que a Hutchinson demorou a consertá-la. Apesar da decepção com o desempenho da Hutchinson, o governo das Bahamas alocou US\$ 200 milhões para reconstruir o aeroporto e está considerando contratar empresas sediadas na RPC para fazê-lo.

Construção

Assim como em outros estados do Caribe, a construção tem sido um dos principais focos de interesse comercial da RPC nas Bahamas desde que as relações foram estabelecidas em 1997. O primeiro grande projeto foi a construção do estádio de críquete Thomas A. Robinson em 2011. Devido à rápida deterioração do estádio, o governo das Bahamas está atualmente negociando um projeto de US\$ 30 milhões com a RPC para reconstruir a instalação. O embaixador da China nas Bahamas, Dai Qingli, atribuiu a deterioração à falta de manutenção adequada por parte do governo das Bahamas. O governo das Bahamas argumenta que a rápida deterioração foi causada pelo fato de os construtores chineses terem economizado no uso de materiais de construção inadequados para o clima das Bahamas, e também se opõe aos planos da RPC de trazer um grande número de trabalhadores chineses para o projeto em vez de usar mão de obra das Bahamas.

Além do estádio, empresas sediadas na RPC construíram uma via expressa, conectando o aeroporto, então operado pela China, à principal área turística, financiada por um empréstimo concessional de US\$ 54 milhões do China Export-Import Bank. Separadamente, a China Harbour Engineering Corporation construiu uma instalação portuária secundária na ilha de North Abaco, igualmente financiada por um empréstimo concessional de US\$ 40 milhões da RPC.

Turismo

projeto, Sarkis Izmirlan, perdeu o controle do projeto para um grupo de investimento obscuro com sede em Macau, a Chow Tai Fook Enterprises. Embora a COVID-19 tenha afetado ainda mais a situação financeira do resort, em 2023, ele estava totalmente aberto, com recorde de reservas, e atualmente é responsável por aproximadamente 5.000 empregos e contribui com 12% do PIB nacional.



Além do Baha Mar, o complexo comercial à beira-mar The Pointe foi construído e financiado pela CCA, com inauguração em 2020. Em 2014, a CCA também adquiriu outros resorts de longa data historicamente mais significativos das Bahamas, o British Colonial Hilton, por US\$ 250 milhões. Devido a uma combinação de desafios relacionados à COVID-19 e à relutância da CCA em investir em uma grande reforma das instalações, a propriedade fechou em 2022. Embora tenha sido reaberto este ano, o Hilton removeu seu nome da propriedade. De forma semelhante, quando a Hutchinson assumiu o controle do porto de carga na ilha de Gran Bahamas, concordou em operar outra propriedade em dificuldades comerciais, o hotel e resort de golfe Gran Lucayan, como parte do acordo. Depois que a Hutchinson não conseguiu recuperar o hotel, o governo das Bahamas o comprou de volta da Hutchinson em agosto de 2018 por US\$ 65 milhões, para revendê-lo com prejuízo.

Setores digitais

Na última década, a empresa chinesa Huawei passou a dominar o mercado de telecomunicações nas Bahamas como fornecedora de dispositivos e infraestrutura. Em 2014, a Bahamas Telecommunications Company (BTC) escolheu a Huawei para atualizar a infraestrutura do país para 4G LTE. A principal rival da BTC, a Aliv, também usa principalmente a Huawei em sua rede.

As empresas chinesas também expandiram sua presença digital no país por meio de doações ao governo. Em abril de 2023, por exemplo, a RPC forneceu smart TVs que seriam usadas em salas de reunião privadas no parlamento das Bahamas, onde ocorrem discussões sensíveis sobre a política do país.

A preocupação com os riscos à segurança da informação decorrentes do quase monopólio da infraestrutura de telecomunicações das Bahamas pela Huawei tornou-se uma questão internacional quando, em 2020, um artigo do importante jornal britânico The Guardian publicou evidências de que o equipamento da Huawei fornecido à BTC havia sido usado para ciberespionagem contra cidadãos dos EUA.

Pessoa a pessoa

Como em outros lugares, as redes “de pessoa para pessoa” que a RPC constrói nas Bahamas, alavancando suas atividades comerciais e programas governamentais, é uma das maneiras mais eficazes de criar influência no país. A RPC operou um Instituto Confúcio na Universidade das Bahamas, embora atualmente esteja extinto. O Instituto serve como um ponto de entrada para jovens bahamenses interessados na RPC e em seu idioma e cultura. Em grande parte por meio do Instituto, 158 bahamenses foram estudar na RPC, incluindo 50 com bolsas de estudo integrais pagas pelo governo da RPC. Em 2023, entretanto, apenas nove bahamenses estavam lá com essas bolsas de estudo da RPC. Além disso, outros 100 bahamenses teriam sido levados à RPC para compromissos de curto prazo.

Como em outros lugares, a RPC também usa laços locais para criar redes de influência nas Bahamas. Em agosto de 2022, por exemplo, Gran Bahamas assinou um acordo de cidade-irmã com a Ilha de Hunan na China, criando a base para a interação abaixo do radar da atenção em nível nacional.

Embora as Bahamas não tenham uma grande comunidade chinesa, o uso do país para a movimentação de cidadãos chineses contrabandeados pela região continua a ser um problema.

Conclusões

Assim como outras nações soberanas da América Latina, do Caribe e de outros lugares, as Bahamas têm o direito e o interesse legítimo de manter relações políticas e econômicas com a RPC. No entanto, o governo das Bahamas tem a responsabilidade perante seu povo de agir no interesse de longo prazo do povo do país, incluindo seu desenvolvimento e a preservação do sistema democrático da nação e dos direitos individuais das Bahamas.

Em seu futuro envolvimento com a RPC e suas empresas, portanto, é importante que o governo e o discurso público avaliem o histórico de trabalho com os chineses até o momento, em termos de desempenho, quem se beneficiou mais e quem pagou os custos. O fato de a Hutchinson não ter investido na reforma do Aeroporto Gran Bahamas e do hotel Gran Lucayan, por exemplo, obrigou o governo das Bahamas a gastar o dinheiro do povo para recuperar as instalações, enquanto as empresas sediadas na RPC protegiam seus lucros. Da mesma forma, graças aos cortes chineses nas despesas de construção, o governo das Bahamas pode agora precisar gastar o dinheiro do povo para reformar o estádio de críquete Thomas A Robinson, com empresas e trabalhadores sediados na RPC ironicamente posicionados para se beneficiarem da reforma. Por fim, embora o Baha Mar possa empregar 5.000 habitantes locais, o governo das Bahamas deveria refletir sobre o caos do atraso na abertura das instalações devido ao fraco desempenho da China Construction Americas, sobre a mácula na reputação internacional do país decorrente da briga jurídica associada e sobre como a estruturação do negócio levou à situação atual, na qual uma empresa sediada na RPC agora é totalmente proprietária e colhe os imensos lucros do maior complexo turístico do país, representando 12% de toda a economia das Bahamas.

A resposta para as Bahamas é a mesma que para o resto da região: Reconhecendo que os chineses têm um histórico de buscar agressivamente seu próprio benefício por meio de ações coordenadas de seus governos e empresas, o governo deve estar no topo de seu jogo quando se envolver com eles. Isso exige transparência absoluta, para garantir que os acordos assinados sejam do interesse do povo, e não das elites que os assinam e de seus associados. Exige instituições fortes com planejamento competente de requisitos para garantir que os investimentos do dinheiro do povo criem um fluxo duradouro de valor agregado para o povo das Bahamas, e não apenas para as empresas chinesas que constroem os projetos e para os proprietários do que é construído, baseados na RPC. Isso exige igualdade de condições e avaliação tecnicamente competente dos contratos e adjudicação dos licitantes. Em todas essas áreas, os Estados Unidos, intimamente ligados às Bahamas pela geografia, comércio e família, podem ajudar.



Evan Ellis pesquisa sobre a América Latina na Escola de Guerra do Exército dos EUA.

CONVERSA COM VÍDEOS GALERIA DE FOTOS CARTOONS REPORTAGEM ESPECIAL ACADEMIA

Os pontos de vista e opiniões expressos neste artigo são do autor. Elas não refletem necessariamente a política ou posição oficial de uma agência do governo dos EUA, da revista Diálogo, ou de seus

Compartilhe nas redes sociais



Postagens relacionadas



Empresas chinesas de segurança privada na América Latina



Bandeiras vermelhas entre passaportes dourados: Uma análise da influência chinesa em cinco programas de cidadania por investimento no Caribe

REPORTAGEM ESPECIAL

China atrás do novo tesouro da América do Sul: Lítio PARTE I

Com suas vastas salinas, a América Latina é rica em um mineral que se tornou mais procurado do que o ouro: o lítio. Conhecido como ouro branco ou petróleo do século XXI, esse metal é agora essencial para a transição energética e o mercado em expansão de carros elétricos. O chamado Triângulo do Lítio, localizado no altiplano andino e composto pelos territórios da Bolívia, Argentina [...]

Leia este artigo →

NOTÍCIAS



Chile detém criminosos do Tren de Aragua

julho 27, 2023



SELECIONE O IDIOMA

PORTUGUÊS



NC
DIÁLOGO
AMÉRICAS

CONVERSA COM

VÍDEOS

GALERIA DE FOTOS

CARTOONS

REPORTAGEM ESPECIAL

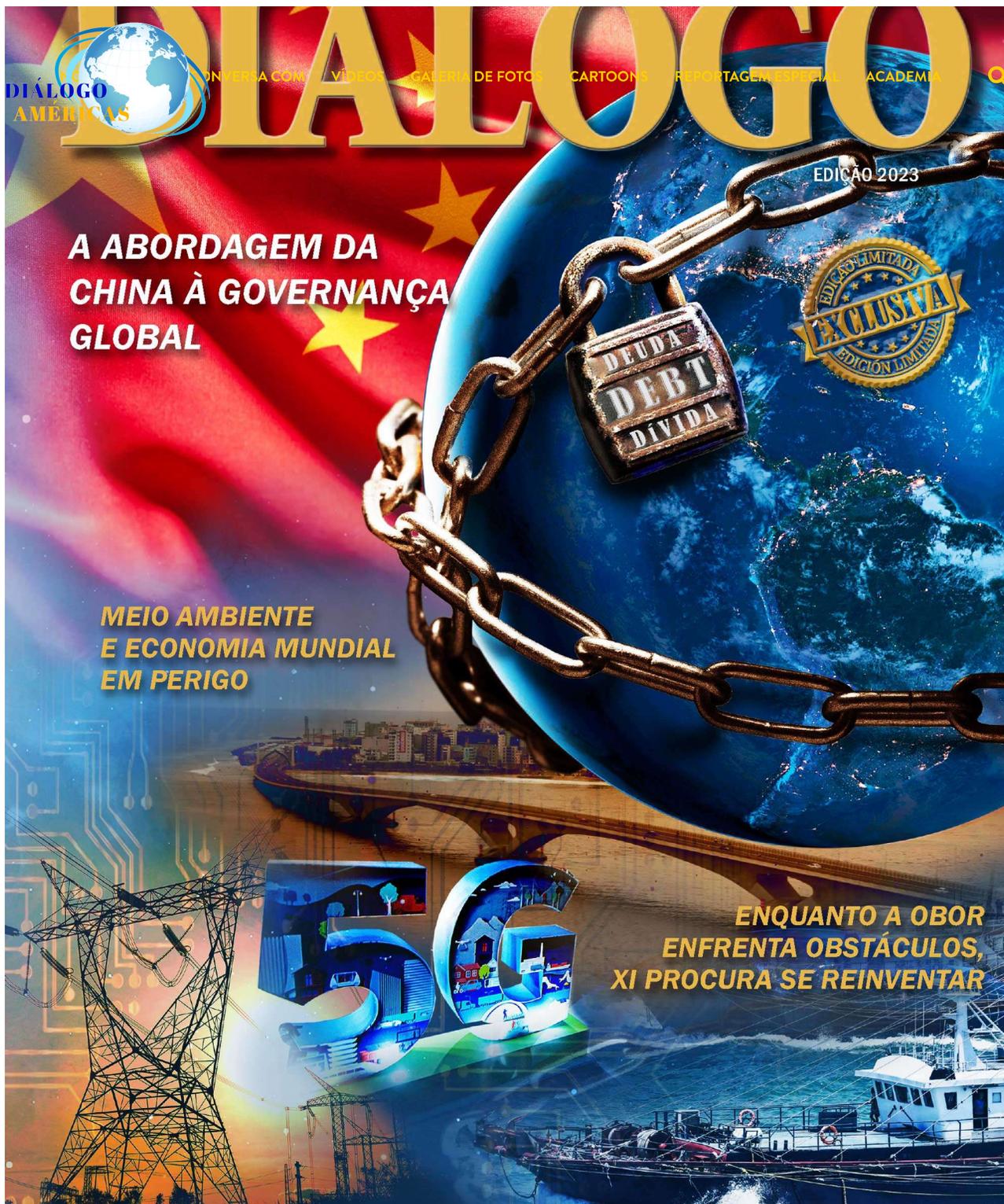
ACADEMIA



Neutralizam o programa de malware russo Snake

julho 25, 2023

REVISTAS



Edição 2023

[Fazer o download de PDF](#)

Para obter mais informações sobre questões de segurança e defesa em todo o mundo, clique nos links abaixo:



Mapa do site

Arquivos

Revistas

Se inscrever

Contate-nos

Privacidade e segurança

Diretrizes editoriais



SELECIONE O IDIOMA

PORTUGUÊS

Diálogo Américas ©2023



CONVERSA COM

VÍDEOS

GALÉRIA DE FOTOS

CARTOONS

REPORTAGEM ESPECIAL

ACADEMIA



Diálogo Américas Gerenciado Por [FWG Solutions](#) ©2023